

ATUAÇÃO DAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS NO CONTEXTO DA MODERNIZAÇÃO AGRÁRIA: ALTERNATIVAS EM MEIO AO NOVO CONTEXTO ECONÔMICO AGRÁRIO

Tatiane Leal Bastos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação da UEM
thatyxleal@gmail.com

Patrícia dos Santos

Especialista em Ensino de Geografia e História
eureka.patricia@gmail.com

Ana Paula Moletta

Especialista em ensino de Geografia e História
anapaula.mmp@hotmail.com

RESUMO

O espaço rural tem sido palco de conflitos gerados pela forma como o mesmo é gestado. Tal fato envolve processos prejudicam os pequenos produtores nos aspectos socioeconômicos e culturais, ainda prejudica a biodiversidade local, devido ao uso de mecanismos nocivos ao ambiente natural. Nesse contexto o pequeno produtor pode buscar diversas alternativas que possam gerar renda, as quais, nem sempre são as mais vantajosas. No entanto, outras podem gerar renda e qualidade de vida ao pequeno produtor, e ainda preservar e recuperar os recursos naturais. No distrito de Guairacá – Guarapuava-PR, os pequenos produtores buscaram no cultivo de *Pinnus* e *Eucalyptus*, a alternativa de renda que lhes era necessária, que apesar de algumas vezes não ser tão viável ao meio ambiente, ainda assim apresenta uma alternativa de renda, porém em longo. Outro exemplo de busca por melhores sobrevivência em meio ao atual contexto econômico agrário pode ser observado através da Coopaflora – Cooperativa de Produtos Agroecológicos, Artesanais e Florestais de Turvo, localizada na área rural do município do Turvo-PR, que em parceria com o IAF – Instituto Agroflorestal, proporciona aos pequenos produtores da região a oportunidade de cultivar e comercializar produtos sustentáveis, garantindo a renda e a sobrevivência dos produtores da região.

Palavras-chave: Reflorestamento. Agroecologia. Alternativas. Sustentabilidade.

PERFORMANCE OF SMALL RURAL PROPERTIES IN THE CONTEXT OF AGRICULTURAL MODERNIZATION: ALTERNATIVES IN HALF THE NEW AGRICULTURAL ECONOMIC CONTEXT

ABSTRACT

The rural area has been the scene of conflicts generated by the way the same is gestated. This fact involves processes affect small producers in the socioeconomic and cultural aspects also affect local biodiversity, due to the use of mechanisms harmful to the natural environment. In this context the small producer can seek various alternatives that can generate income, which are not always the most advantageous. However, others may generate income and quality of life of the small producer, and still recover and preserve natural resources. In the district of Guairacá - Guarapuava-PR, small producers sought to cultivate *Pinnus* and *Eucalyptus*, the alternative income to them was needed,

that although sometimes not as viable to the environment still presents an alternative income, however long. Another example of a search for better survival amid the current economic context agrarian can be observed through Coopaflores - Cooperative Agroecological Products, Craft and Forestry of Turvo, located in the rural area Turvo-PR, which in partnership with the IAF - Agroforestry Institute, provides small producers in the region the opportunity to cultivate and market sustainable products, ensuring income and the survival of local farmers.

Keywords: Reforestation. Agro-ecology. Alternative. Sustainability.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos a população aumentou significativamente, o que levou à necessidade de se intensificar a produção de alimentos e bens de consumo. Com isso, foram surgindo novas técnicas de produção e transformação de produtos.

No século XX o processo de industrialização já havia se inserido totalmente na economia brasileira, conseqüentemente esse processo atingiu o meio rural, o que acarretou em intensas transformações econômicas e sociais no campo, principalmente depois do surgimento dos Complexos Agroindustriais. Com isso, houve uma intensa mudança no que se refere aos aspectos econômicos e sociais no campo.

Para os pequenos produtores rurais, mais precisamente os agricultores familiares, observa-se que esse processo resultou em uma significativa redução do seu espaço, tanto no que se refere à produção, como na comercialização de seus produtos, dificultando a permanência e sobrevivência do pequeno produtor rural no campo. Nesse sentido esses agricultores se viram obrigados a buscar novas formas de produção que pudessem lhes dar a oportunidade de continuar vivendo no campo e do campo.

Dentre as alternativas de renda ao pequeno produtor, analisadas ao longo deste trabalho, estão o cultivo de pinus e eucalipto e a produção agroecológica, onde ambas as atividades se tornam viáveis quando aliadas a mecanismos que buscam lhes dar suporte em determinados aspectos para permanecer atuando.

A produção agroecológica no município do Turvo-PR, realizada por meio de um sistema cooperativista de produção, através da Coopaflores - Cooperativa de Produtos Agroecológicos, Artesanais e Florestais de Turvo, auxilia os pequenos produtores familiares da região no processo de produção e comercialização de variedades de ervas medicinais e temperos, que garantem sua sustentação no espaço rural e ao mesmo tempo a preservação e conservação dos recursos naturais locais.

Já a produção de pinus e eucalipto, no distrito do Guairacá-PR, não apresenta nenhum tipo de suporte, sendo realizada de maneira individualizada, sem nenhuma espécie de organização coletiva, além disso, os pequenos produtores não recebem nenhum tipo de subsídio de poder público ou privado. Na maioria das vezes recebem doações de mudas destas espécies, e vêem nessa prática uma alternativa de renda em longo prazo.

1. AGROECOLOGIA

O desequilíbrio causado pela agricultura convencional no espaço rural é percebido em diversos aspectos, como a falta de espaço para o pequeno proprietário produzir e comercializar sua produção e a degradação dos solos e rios prejudicam a biodiversidade e a própria população que consome produtos, cuja procedência (processos pelos quais estes alimentos passam), muitas vezes é desconfiável. Com isso, observa-se a necessidade de identificar até que ponto a agricultura convencional e a produção em massa é benéfica para a sociedade.

Nesse sentido, a agroecologia pode ser compreendida como um elemento condicionante da permanência do pequeno produtor no espaço rural, proporcionando a constituição de territórios

alternativos² aos modos de produção rurais convencionais, através da difusão e aplicabilidade de modos de produção, que promovem e defendem a vida de fato, em todas as suas formas, conforme suas necessidades.

A agroecologia, além de sistematizar forças para manter um modelo de produção natural, que dispensa o uso de elementos químicos, em favor da manutenção da fauna e flora de cada local, ainda promove a boa relação das sociedades que a vivenciam.

Para essas sociedades o espaço rural e todos os seus elementos constituintes representam, além de um meio de sobrevivência, uma forma de se conectar com a natureza e demais espécies, compreendendo que todos os seres que fazem parte de um mesmo conjunto, estando relacionados uns com os outros, formando uma “rede” biológica interconectada. Por isso, realizam sua produção de maneira sustentável, sem prejudicar o ciclo natural do ambiente, respeitando todas as formas de vida, para que a sua própria espécie seja preservada.

Hespanhol (2008) afirma que existem muitas diferenças entre a agricultura sustentável e a agricultura convencional, em termos tecnológicos, socioeconômicos e ecológicos. Segundo a autora, a agricultura sustentável adapta-se às condições locais, já a agricultura convencional não leva em consideração as condições locais, impondo seus modos de produção e pacotes tecnológicos. Além disso, a agricultura sustentável procura a diversificação de sua produção, trabalhando com policulturas, promovendo a integração e intensificação das interações biológicas, ao contrário da agricultura convencional, que prioriza as monoculturas, promovendo o desequilíbrio do ambiente natural.

No trabalho agroecológico adaptado, está implícita a ideia de que, pela compreensão das relações e processos ecológicos, os agroecossistemas podem ser manipulados de forma a melhorar a produção e a produzir de modo mais sustentável, com menos impactos ambientais e sociais negativos e com menor utilização de insumos externos (Altieri, 1989).

Para Gliessman (2005, p. 54)

A agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura [...]. Valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum de sustentabilidade.

De acordo com Saquet (2008), a agroecologia envolve diversos campos da ciência, a Ecologia, a Agronomia, a Sociologia, a Antropologia, dentre outros. Os quais atuam na reestruturação e manejo de agrossistemas, visando uma produção mais sustentável. Tais procedimentos vão além das técnicas desenvolvidas no campo, englobando aspectos econômicos, sociais, ecológicos, culturais, políticos e éticos.

A agroecologia é uma das opções que vem sendo destacadas dentro do contexto de uma agricultura sustentável, pois, além de produzir sem agrotóxicos, encontra-se destinada à subsistência e à qualidade de vida do pequeno produtor rural e de sua família, não deixando de lado sua inserção em um mercado cada vez maior, que é o de produtos agroecológicos, mas atuando no mercado com relações mais solidárias. (CANDIOTTO *et al*, 2008, p. 223).

A agroecologia não deve ser considerada uma prática recente, pois dentro do modelo de produção da agricultura familiar já existiam práticas sustentáveis constituídos por conhecimentos empíricos de agricultores familiares, os quais são passados de geração para geração. O modelo agroecológico considera, ainda, valores que o sistema capitalista e todos os seus elementos componentes exteriorizam, tais como a integração social e da sociedade com o ambiente natural. A agroecologia representa não somente uma alternativa para os pequenos produtores rurais, mas também, uma forma desenvolver uma atividade econômica rentável, que considera os fatores ambientais e sociais.

² Territórios alternativos são aqueles que tentam impor sua própria ordem, que faz surgir um novo modelo de ordenação territorial que começa a ser gestada (HAESBAERT, 2002).

Segundo Heidrich (2004, p. 61)

A agricultura orgânica ou ecológica é produzida por pequenos produtores, que estruturam sua atividade baseada fundamentalmente no uso intensivo de mão-de-obra. Esses pequenos produtores se organizam em associações locais, que possibilitam o apoio técnico de organizações voltadas para a promoção da agricultura orgânica e sua comercialização. Além da produção local, outra atividade importante destas associações consiste na organização de feiras, que além de terem comercialização por objetivo, também o de divulgação do consumo de produtos orgânicos, prática ecológica e da crítica ao modo de vida tradicional.

Nesse sentido, outro importante elemento aliado ao pequeno produtor em sua realidade desafiadora são as cooperativas, que representam um exemplo de alternativa para os agricultores familiares no seu processo de "inserção" no meio econômico atual. Nesse sentido, o cooperativismo contribui para que o agricultor possa ter a oportunidade de intensificar e aperfeiçoar sua produção e comercialização através de subsídios financeiros proporcionados por cooperativas.

Santos e Rodriguez (2005, p. 36) afirmam que:

O cooperativismo considera que o mercado promove um dos seus valores centrais, a autonomia das iniciativas coletivas e os objetivos de descentralização e eficiência econômica que não são acolhidos pelos sistemas econômicos centralizados. Face à comprovada inviabilidade e indesejabilidade das economias centralizadas, as cooperativas surgem como alternativas de produção factíveis e plausíveis, a partir de uma perspectiva progressista, porque estão organizadas de acordo com os princípios e estruturas não capitalistas e, ao mesmo tempo, operam em uma economia de mercado.

De acordo com Duarte e Wehrmann (2006), as cooperativas não representam apenas a ligação entre a agricultura familiar e as novas técnicas e elementos do modo de produção moderno, elas também são capazes de articular produtores, instituições públicas e mercado consumidor.

As cooperativas, para os agricultores familiares, além de proporcionar novas formas de melhorar sua produção, aparecem como um meio alternativo de inserção na economia de mercado, que preserva a ideologia da coletividade e do bem comum, proporcionando meios de estabelecer relações comerciais geradas pelos pequenos produtores familiares, que em geral, visam apenas o sustento da família.

1.1. O Caso da Coopaflores – Cooperativa de Produtos Agroecológicos, Artesanais e Florestais de Turvo – PR

A Coopaflores - Cooperativa de Produtos Agroecológicos, Artesanais e Florestais de Turvo, fundada em janeiro de 2006, no município do Turvo-PR (mapa1), por agricultores e técnicos locais, possui como principal objetivo a produção e comercialização de plantas medicinais, aromáticas e condimentares desidratadas.

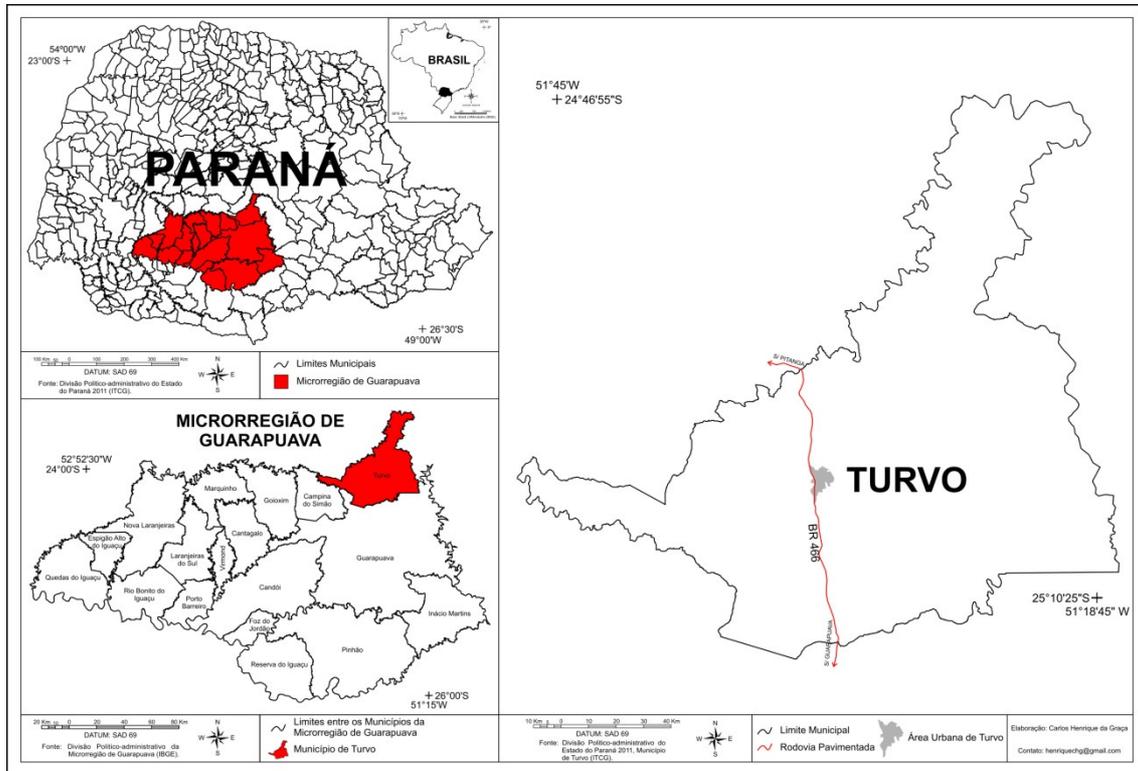
A cooperativa trabalha em prol do desenvolvimento, sustentabilidade, preservação e recuperação da biodiversidade local, produzindo e comercializando produtos agroflorestais, ervas medicinais, artesanatos, produzidos ou extraídos de maneira ecologicamente correta. Além disso, visa a preservação e difusão de culturas e modos de vida locais, tais como o Sistema Faxinal, por exemplo, que é tido como um importante modelo econômico e cultural, que revela aspectos da história da região (ARVOREDO BRASIL, 2011).

Atualmente a Coopaflores possui um quadro com cerca de 85 produtores como cooperados, atendendo aproximadamente 430 pessoas incluindo familiares, funcionários e prestadores de serviços, distribuídos em uma área total de produção de aproximadamente 765 hectares. Estas pessoas, a partir do incentivo e orientação da Coopaflores e do IAF, adotaram o sistema agroecológico de produção como opção de trabalho e filosofia de vida.

A Coopaflores busca a comercialização dos produtos cultivados, além dos demais produtos oriundos da floresta, através de uma produção sustentável. E ainda procura incluir agricultores familiares de mais oito municípios da Região Central do Estado, com isso, aumentando a sua

produção. Os produtos oferecidos pela Cooperativa possuem a garantia de serem saudáveis e sustentáveis, garantido pela Ecocert do Brasil³ (ARVOREDO BRASIL, 2011).

Mapa 1 – Localização do município do Turvo-PR.



O trabalho da Coopaflores consiste em fornecer subsídio econômico e equipamentos para os pequenos produtores familiares conseguirem produzir e comercializar produtos. Estes são comercializados a granel ou beneficiados em forma de chás e temperos. A maioria dos pequenos produtores que fazem parte da Coopaflores mora e trabalha nas proximidades da sede física do IAF, que é por onde são desenvolvidas e institucionalizadas as atividades do Instituto e da cooperativa.

Nesse processo, o papel do pequeno produtor está em produzir e colher, principalmente, ervas medicinais. Muitos destes produtores possuem em suas residências estruturas que auxiliam no processo de beneficiamento destes produtos, tais como o corte e a secagem, para que posteriormente a cooperativa possa realizar a coleta nas pequenas propriedades, o que ocorre mensalmente.

Observa-se que a Coopaflores e o IAF possuem um papel fundamental para que essas famílias de pequenos produtores continuem sobrevivendo no/do campo, fornecendo subsídios de diversas ordens.

O IAF - Instituto Agroflorestal - que trabalha em parceria com a Coopaflores, é organização não governamental fundada em 1995, no município do Turvo-PR por agricultores, técnicos, professores e um líder comunitário. Dentre seus objetivos estão, conter a degradação ambiental local e preservar a mata ciliar da área rural do município, contendo o desmatamento das florestas de araucária.

O IAF atua no sentido de promover um desenvolvimento familiar sustentável, fortalecendo o incentivo a formação de sistemas agroflorestais, e também auxiliando no processo de expansão das atividades para a região central do Paraná, enriquecendo a cadeia produtiva da erva-mate. Além disso, promove o turismo rural da região e a valorização tanto do ecossistema, quanto da população que vive no espaço rural da região (ARVOREDO BRASIL, 2011).

³ A ECOCERT BRASIL realiza a certificação voltada para o mercado interno, atuando também como agente de certificação da ECOCERT SA para todos os principais mercados mundiais.

O instituto procura promover a conservação e enriquecimento dos remanescentes florestais do Ecossistema Floresta com Araucária e dos ambientes florestais já degradados, buscando a melhoria das condições de vida das famílias de pequenos produtores familiares residentes na área rural do Turvo, através do desenvolvimento da agricultura familiar sustentável, baseada na agroecologia (ARVOREDO BRASIL, 2011).

Para conter a devastação das matas ciliares da região, os profissionais que atuam no Instituto, analisam as condições da região e promovem medidas de conservação que realmente são viáveis, tal como o isolamento das áreas ribeirinhas florestadas. Além disso, os técnicos, profissionais do IAF, trabalham no sentido de orientar o produtor para um processo produtivo orgânico sem uso de agrotóxicos e respeitando ao máximo as condições da biodiversidade local, promovendo o desenvolvimento de uma agricultura rentável e sustentável.

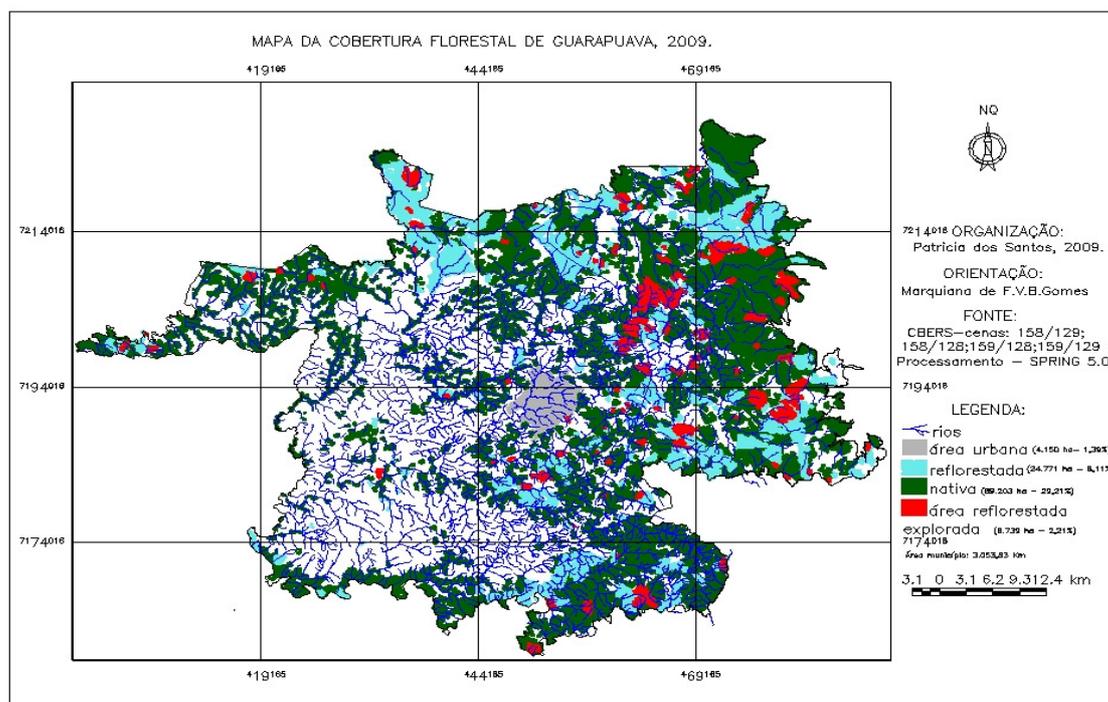
A Coopaflorea e o IAF possibilitam criar alternativas para os pequenos produtores da área rural do Turvo-PR, através do cooperativismo e de uma produção agroecológica. Nesse sentido, observa-se que existe a possibilidade da manutenção da qualidade de vida do produtor do campo, produzido de forma sustentável. Tal possibilidade é promovida por mecanismos como o cooperativismo e a agroecologia, que atuando em conjunto podem trazer de volta o pequeno produtor ao mercado, mantendo as características essenciais da vida no campo e sua boa relação com o ambiente natural.

2. REFLORESTAMENTO NO DISTRITO GUAIRACÁ – GUARAPUAVA-PR

Há varias contradições em torno do reflorestamento de exóticas, mas que o mercado insiste em ignorar, já que o fator econômico tem sobreposto o ambiental. Em Guarapuava, a tendência de expansão do reflorestamento nas áreas adjacentes aos remanescentes e pequenos produtores rurais, exemplifica a complexidade da discussão.

O Mapa 02 “Cobertura Florestal Guarapuava, 2009”, aponta o uso do solo do município que caracteriza-se em duas grandes áreas significativas: uma delas voltada para a atividade agrícola comercial (oeste) e a outra com áreas remanescentes de florestas nativas dividindo espaço com a prática do reflorestamento de exóticas, do gênero *Pinnus* e *Eucalyptus* (a leste).

Mapa 2 - Cobertura Florestal Guarapuava, 2009.



Fonte: SANTOS, P, 2009.

Segundo Karling (2004), a representatividade da atividade madeireira no município de Guarapuava é expressa exatamente pelo número de indústrias, dentre algumas das mais

importantes tem-se a Santa Maria Cia de Papel e Celulose. Como toda grande empresa, embora apresente grandes áreas de reflorestamentos, a Indústria Santa Maria ainda investe em arrendamentos e parcerias, voltadas a produtores em geral, independente da quantidade de área de posse do produtor. Ou seja, não há parcerias ou projetos voltados exclusivamente para o pequeno produtor e sim, a qualquer produtor que tiver as características ou critérios mais compatíveis com o que a Empresa busca.

Essa inserção do produtor rural no setor florestal, em Guarapuava, vem ocorrendo de maneira crescente, mas desigual. Somente a vontade e a área ociosa não são suficientes. Os pequenos produtores que buscam uma renda extra com a atividade encontram outras dificuldades, mesmo fazendo parte de programas financiados pelo governo federal.

O cultivo de pinus e eucalipto para ser economicamente viável ao pequeno produtor, muitas vezes aparece ligado a empresas como madeireiras e fabricas de papel, que buscam as pequenas propriedades para aumentar sua área de cultivo. No entanto, a produção e comercialização desses produtos ficam aos critérios da empresa.

O perfil dos pequenos produtores do distrito do Guairacá e imediações é a prática apenas para o consumo de suas famílias, englobando em seu processo produtivo, em sua maioria, os membros da família, estabelecendo assim uma agricultura quase que exclusivamente familiar.

Esses produtores não possuem praticamente nenhum incentivo ou apoio do poder público, para realizar suas atividades produtivas. Com isso eles sentem a necessidade de haver uma associação de produtores rurais, para organizar o processo produtivo e, principalmente, tentar aumentar a possibilidade de comércio de seus produtos.

Foto 1 – Áreas de Pinnus e Eucalyptus.



Fonte: MOLETTA, A.; SANTOS, P., 2011.

As famílias desses produtores possuem áreas com plantações de *Pinus* e *Eucalyptus* (Conforme figura 1) como forma de complementar sua renda, tendo em vista que a pequena produção realizada nas propriedades não supre as necessidades das famílias de agricultores que residem nessa região.

Devido às dificuldades financeiras enfrentadas por esses agricultores, eles se vêem obrigados a procurar outras formas de renda. Além do plantio do *Pinus* e *Eucalyptus*, alguns membros da família trabalham no corte de *Pinus*, para complementar a renda familiar. Dentre as maiores dificuldades enfrentadas por esses pequenos produtores está a insegurança com relação ao resultado obtido do trabalho na lavoura, pois nunca se pode prever se a colheita oferecerá um bom resultado, isso depende das condições do tempo, que segundo estes agricultores, encontram-se muito instável. Outra dificuldade está no fato da produção ter um valor muito barato e não proporcionar uma boa renda aos pequenos produtores, e é justamente por isso que estes buscam diversificar a sua produção.

Nesse sentido Wanderley (2001, p. 39), afirma que:

[...] são numerosos os estudos que indicam a luta dos camponeses para terem acesso ao mercado, são igualmente inúmeras as referências às suas

derrotas nesse campo de ação. Longe, porém, de desenhar uma direção unívoca, resultando na dissolução do setor, esses embates dão conta de processos complexos que construíram trajetórias diferenciadas nos diversos momentos e em diversos espaços do território brasileiro.

A possibilidade de inserção desses pequenos produtores no mercado de trabalho é limitada e depende de muitos fatores que fogem do alcance do produtor, e é por isso que muitos produtores vivem em uma agricultura de subsistência sempre buscando alguma atividade extra para obter algum tipo de renda.

Apesar de defenderem a preservação da vegetação nativa e do ambiente natural, os pequenos produtores da região do Guairacá, por mais que saibam que não devem depositar todas as suas expectativas no cultivo de *Pinnus* e *Eucalyptus*, vêem no plantio dessas culturas uma alternativa de sobrevivência no campo, uma nova esperança de melhorar sua qualidade de vida, sem desconhecer os riscos que essa monocultura traz para ao ambiente natural. Além disso, não possuem o conhecimento necessário sobre as leis que regem o Código Florestal Brasileiro e as propostas do novo Código Florestal. Mesmo assim, acreditam que deveria haver uma cota pré-determinada em cada propriedade para que pudesse se praticar esse tipo de culturas, sem que toda a área seja ocupada com o cultivo de *Pinnus* e *Eucalyptus*.

O reflorestamento com árvores exóticas é encarado como uma prática comercial, uma vez que a intenção não é recuperação de áreas degradadas permanentemente, e sim atender a um mercado que necessita de matéria-prima. Neste caso, a madeira, para que as indústrias continuem a funcionar e produzir materiais tanto para a comercialização nacional quanto internacional.

É notável uma leve redução das florestas nativas no município e aumento para o reflorestamento com exóticas (Mapa 2). Isso nos aponta outra questão: Que espaço as exóticas tomou, uma vez que as nativas não perderam a mesma quantidade para dar espaço aos reflorestamentos? É possível uma expansão sobre áreas de pastagens e agricultura?

Ocorre que o reflorestamento não está sendo expandido para a área de soja, mas sim para as áreas de agricultura familiar, justamente em função do valor das terras, pois em Guarapuava, a pequena propriedade está concentrada nas áreas topograficamente mais acidentadas e com solos, geralmente, rasos. Como o reflorestamento é possível nessas áreas, há preferência dessas em relação às demais, pois além do valor da terra, é muito mais interessante para os agricultores mais capitalizados investirem na soja cuja rentabilidade é anual, do que no reflorestamento que demanda mais tempo (GOMES, 2008).

Acredita-se que o reflorestamento, de forma muito relativa, apresenta uma renda garantida para este produtor, mas fica evidente no cenário do produtor da região em estudo a necessidade de propostas que viabilizem a permanência do pequeno produtor na região.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de trabalho no campo mudaram consideravelmente nas últimas décadas, devido à inserção do modo de produção industrial e a otimização da comercialização dos produtos da agricultura moderna.

A intensificação da produção agrícola agroindustrial atingiu a população rural, que trabalhava e vivia no campo e do campo, que acabou tendo que ceder espaço aos proprietários das agroindústrias geradoras de capital. Diante disso, as perspectivas dos agricultores familiares, de manter uma vida digna no espaço rural, diminuíram imensamente.

Nesse sentido os pequenos produtores rurais têm encontrado dificuldades para se manter economicamente no espaço agrário, diante da intensa modernização da agricultura, nesse sentido é necessário que o poder público e instituições como universidades, institutos e empresas, proporcionem condições para que a agricultura familiar continue sendo desenvolvida, mantendo suas características produtivas e “sócio-organizacionais”, e promovendo a inserção econômica dessa produtividade no mercado.

A pequena produção hoje possui pouca representatividade, devido às práticas modernas de produção, que promovem o desenvolvimento da economia, porém exteriorizam os aspectos sociais

e ambientais, promovendo a produção em massa e esgotando, tanto os recursos ambientais, quanto os ambientes sociais rurais, caracterizando o rural como um espaço apenas econômico.

No que diz respeito ao reflorestamento enquanto alternativa de renda aos pequenos produtores, a inserção dos mesmos neste ramo, ainda que incentivados por algumas empresas através de parcerias, é pequena. Diante dos critérios adotados pelas empresas para a sua inserção, bem como se trata de monocultura de longo período de espera e a subsistência do pequeno produtor, precisa ter garantias. Salvo os casos como o recentemente lançado programa do Governo do Estado destinado essencialmente às pequenas propriedades rurais. Assim considera-se vantajoso, ao produtor rural em especial o pequeno, plantar este tipo de monocultura somente em áreas limítrofes, que não venham a comprometer áreas de uso da agricultura familiar em especial.

Os pequenos produtores veem no cultivo de monoculturas de *Pinnus e Eucalyptus*, uma alternativa de renda em longo prazo, porém desconhecem os problemas ambientais e porque não dizer econômicos e sociais que esta prática pode proporcionar.

No entanto, em contraposição ao reflorestamento, observa-se que ainda existem alternativas viáveis, para o pequeno produtor, que podem promover uma boa renda, preservar os modos de produção e vivência rurais característicos da agricultura familiar e ainda manter o ambiente em seu estado natural, sem utilizar insumos durante o processo produtivo. Esta possibilidade encontra-se na agroecologia, uma prática que vem sendo muito difundida atualmente, devido à preocupação ambiental que vem sendo discutida nas últimas décadas.

Dentre as alternativas analisadas neste trabalho, compreende-se que o cultivo de espécies exóticas pode representar uma alternativa econômica aos produtores, no entanto existem alguns pontos negativos bastante explícitos nesse processo, principalmente no que diz respeito aos aspectos ambientais. Já a produção agroecológica apresenta maiores vantagens aos produtores, pois além de representar verdadeiramente uma fonte de renda, está fundamentada em princípios produtivos que não prejudiquem o meio ambiente, trazendo de volta o pequeno produtor ao mercado, mantendo as características essenciais da vida no campo e sua boa relação com o ambiente natural.

4. REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

COOPAFLORA - Cooperativa de Produtos Agroecológicos, Artesanais e Florestais de Turvo. Disponível em: <http://www.arvoredobrasil.com.br/coopaflorea>. Acesso em: 24 de março de 2013.

CANDIOTTO, L. Z. P. *et al.* A agroecologia e as agroflorestas no contexto de uma agricultura sustentável. In: **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia**. ALVES, A. F; CORRIJO, B. R; CANDIOTTO, L. Z. P. (Org). 1 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2008. p.213-232.

DUARTE, L. M. G. e WEHRMANN, M. E. S. F. Histórico do Cooperativismo Agrícola no Brasil e Perspectivas para a Agricultura Familiar. In: **Associativismo, Cooperativismo e Economia Solidária no meio rural**. Eric Sabourin(Org.) – Brasília, v. 6. n. 23. 2006, p. 13-28. Disponível em: <http://www.neagri.unb.br>

FIALHO, José T. *et al.* Dificuldades para a inclusão das pequenas propriedades rurais na cadeia produtiva da madeira do estado do Paraná. In: **Revista FLORESTA**, Curitiba, PR, v. 39, n. 1, p. 89-106, jan./mar. 2009.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 3 ed. Editora de UFRGS. Porto Alegre, 2005.

GOMES, M. F. V. B. **Trajatória socioambiental de Guarapuava: leituras da paisagem**. 2008 350 f. Relatório de Qualificação do doutorado em Geografia. UNESP: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias, SP.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: EdUFF. São Paulo: Contexto, 2002.

HEIDRICH, Á. L.. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. RIBAS, A. D; SPOSITO, E. S. e SAQUET, M. A. (Org), Francisco Beltrão. UNIOESTE, 2004, p. 37-66.

HESPANHOL. R. A. M. Agroecologia: limites e perspectivas. In: **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia**. ALVES. A. F; CORRIJO. B. R; CANDIOTTO. L. Z. P. (Org). 1 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2008. p. 117-136.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Turvo**. Junho/2012.

KARLING, Sueli. **Variabilidade de produção de Pinus em áreas ociosas nas propriedades rurais da região centro-sul Paranaense**. 2004, 58 f. (Dissertação de Mestrado de Engenharia Florestal). UFPR, Curitiba.

KRONKA, Francisco J. N; BERTOLANI, Francisco; PONCE, Reinaldo H. **A cultura do Pinus no Brasil**. São Paulo: SBS, 2005.

PASSOS, Messias Modesto dos. **Biogeografia e paisagem**. 2 ed. Maringá: 2003.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS. B. S. e RODRÍGUEZ. C. As economias populares e o desenvolvimento na periferia e semiperiferia. In: **Produzir para viver**. Os caminhos da produção não capitalista. Org. Boaventura de Souza Santos, 2ª Ed. Civilização Brasileira, 2005, p. 44-64.

SAQUET. A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. In: **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia**. ALVES. A. F; CORRIJO. B. R; CANDIOTTO. L. Z. P. (Org). 1 ed. São Paulo. Expressão Popular, 2008. p. 137-153.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Org. João Carlos Tedesco. Passo Fundo-RS: 3. ed. EDIUPF, 2001. p. 21-55.